

A Felicidade como virtude em Benedictus de Spinoza

GUADALUPE MACÊDO MARQUES *

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo abordar o conceito de Felicidade segundo o filósofo holandês Benedictus de Spinoza (1632-1677), para o qual Felicidade reside no conhecimento e amor a Deus, o que o filósofo chama de amor intelectual de Deus (*amor dei intellectuallis*). Se a tradição filosófica associava esse conceito à vida contemplativa, Spinoza o identifica à virtude. Para a realização desse estudo, será aqui utilizada a *Ética* (1677), principal obra do filósofo. Pode-se concluir, portanto, que para Spinoza a Felicidade não consiste em uma recompensa de uma vida virtuosa, pois é ela a própria virtude.

PALAVRAS-CHAVE

Felicidade. Amor. Deus. Virtude. Spinoza.

* Mestranda em Filosofia pela Universidade Estadual do Ceará. Bolsista CAPES. Membro do grupo de pesquisa *A liberdade ontológica como fundamentação da liberdade política em Benedictus de Spinoza*, sob a coordenação do prof. Dr. Emanuel Angelo da Rocha Fragoso. Dedicar-se atualmente à pesquisa que tem como título *Os fundamentos do Estado democrático em Benedictus de Spinoza*. E-mail: guazinhah@hotmail.com.

Happiness as virtue in Benedictus de Spinoza

ABSTRACT

This article aims to address the concept of Happiness according to the Dutch philosopher Benedictus de Spinoza (1632-1677) , for which happiness lies in the knowledge and love of God , what the philosopher calls the intellectual love of God (*amor dei intellectuallis*). If the philosophical tradition associated this concept to the contemplative life, Spinoza identifies virtue. For the realization of this study, it will be used here to Ethics (1677), the main work of the philosopher. It can be concluded, therefore, that for Spinoza Happiness does not consist in a reward of a virtuous life , for it is virtue itself.

KEYWORDS

Happiness. Love. God. Virtue. Spinoza.

Introdução

O filósofo holandês Benedictus de Spinoza (1632-1677) apresenta um pensamento ético e político à frente de seu tempo. Sua principal obra, a *Ética* (1677), não possui regras para o agir humano, pois é ela caracterizada pela abordagem de temas como Deus, Natureza, corpo, mente, afetos, servidão e finalmente, a liberdade. Sobre esse assunto diz Marilena Chauí: “A filosofia de Espinosa é uma ética da alegria, da felicidade, do contentamento intelectual e da liberdade individual e política.”¹ A ética spinozana propõe a ideia de que o homem é efeito imanente da atividade de uma potência absoluta, que é Deus, o qual é responsável pela produção de toda a Natureza sem, contudo, separar-se dela. Os seres humanos, assim como tudo o que existe, fazem parte da Natureza, podendo por isso, compartilhar da sua potência. Em Spinoza, a liberdade não é livre-arbítrio da vontade, mas uma ação que segue, necessariamente, as leis da Natureza da qual o homem é uma parte. Ser feliz, para o filósofo, é conhecer a Deus. Esse conhecimento está associado à ideia de liberdade e de felicidade, a qual é para o filósofo, sinônimo de virtude.

Pode-se afirmar nesse sentido, que para Spinoza a felicidade consiste no conhecimento e amor a Deus como causa de tudo que existe. Quanto mais se conhece à substância infinita da qual o homem é uma parte, mais livre e feliz ele se tornará.

1 CHAUI, Marilena. *Desejo, paixão e ação na Ética de Espinosa*. São Paulo: Companhia das Letras. 2011, p. 67.

A *Ética* de Spinoza

A *Ética demonstrada à maneira dos geômetras* (1677)², de publicação póstuma, consiste na principal obra de Benedictus de Spinoza. Escrita em modelo geométrico, está dividida em cinco Partes: 1) *De Deus*, 2) *A Natureza e a origem da mente*, 3) *A origem e natureza dos afetos*, 4) *A servidão humana ou a força dos afetos* e 5) *A potência do intelecto ou a liberdade humana*. Na Parte I, Spinoza expõe sua concepção de Deus, compreendendo-o como Substância³, que é causa de si (*causa sui*)⁴, única e absolutamente livre. Deus para Spinoza corresponde ao todo: *Deus sive natura* (Deus, ou seja, a Natureza), sendo, portanto, uma concepção imanente, divergindo, nesse sentido, da tradição teológico-cristã, a qual defende a ideia de um Deus transcendente, criador de tudo que existe. Em Spinoza, não há a noção de criação, mas de produção. A Substância ou Deus possui infinitos atributos⁵, mas nós compreendemos apenas dois: pensamento (mente) e extensão (corpo). Nós, seres

2 Para as citações da *Ética*, utilizaremos a sigla E e indicaremos a parte citada em algarismos arábicos, seguida da letra correspondente para indicar as definições (d), axiomas (a), proposições (p), prefácios (Pref), corolários (c) e escólios (s), com seus respectivos números.

3 “3. Por substância compreendo aquilo que existe em si mesmo e que por si mesmo é concebido, isto é, aquilo cujo conceito não exige o conceito de outra coisa do qual deva ser formado.” (E1Def 3).

4 “1. Por causa de si compreendo aquilo cuja essência envolve a existência, ou seja, aquilo cuja natureza não pode ser concebida senão como existente.” (E1Def 1).

5 “4. Por atributo compreendo aquilo que, de uma substância, o intelecto percebe como constituindo a essência.” (E1Def 4).

humanos, assim como tudo o que existe na Natureza somos modos⁶ dessa substância. Significa dizer que somos modificações finitas da Substância absolutamente infinita. Como modos, estamos em Deus, o qual é por Spinoza, assim definido: “Por Deus compreendo um ente absolutamente infinito, isto é, uma substância que consiste de infinitos atributos, cada um dos quais exprime uma essência eterna e infinita.”⁷ O corpo humano, assim como o de todos os seres que existem e o universo físico constituem modificações da substância pelo atributo extensão. A substância é pensante, “modificada”, quando exerce a inteligência, a memória... As ideias assim como a mente são modificações da substância pelo atributo pensamento.

Ao ser causa de si, a Substância ou Deus, faz existir todas as coisas singulares que a exprimem, pois são efeitos de sua potência infinita. “Todos os seres seguem necessariamente a essência absolutamente infinita de Deus, que não se separa deles, ao contrário, se exprime neles e eles O exprimem”.⁸ Significa dizer que o indivíduo assim como tudo o que existe, existe em Deus, e compartilha da sua potência e da sua mente. À substância infinita, bem como aos seus atributos, enquanto atividade que produz a totalidade, Spinoza chama *Natura Naturans* (Natureza Naturante), isto é, Deus enquanto infinito; à totalidade dos modos

6 “5. Por modo compreendo as afecções de uma substância, ou seja, aquilo que existe em outra coisa, por meio da qual é também concebido.” (E1Def 5).

7 E1Def 6.

8 CHAUI, 2011, p. 70.

produzidos pelos atributos, dá o nome de *Natura Naturata* (Natureza Naturada), isto é, Deus enquanto modificado, expresso de um determinado modo.

A Segunda Parte de sua *Ética* destina-se a abordagem da mente e do corpo. Diferindo da tradição que compreende o corpo como subordinado à mente⁹, Spinoza inova ao entender mente e corpo como modificações ou expressões singulares da atividade imanente de uma substância única, sendo, portanto, duas atividades simultâneas. Ao estabelecer uma simultaneidade entre mente e corpo, Spinoza, por sua vez, afirma que “O objeto da ideia que constitui a mente humana é o corpo, um modo definido da extensão, existente em ato, e nenhuma outra coisa.”¹⁰ Significa, portanto, que o corpo constitui o objeto da mente, e a mente, por sua vez, constitui a ideia do corpo.

A proposição 13 da Parte II apresenta uma física dos corpos, segundo a qual, esses podem ser duros, moles e fluidos, conservando sua natureza sem qualquer mudança de suas formas. Significa dizer que os indivíduos se conservam mesmo que lhes sejam retirados alguns componentes, desde que substituídos por outros na mesma proporção de movimento e de repouso. É sobre isso que Chauí (2003) diz que “A conservação do indivíduo pela conservação da proporção de movimento e de

9 “A tradição recebeu dois legados: O de Platão, que compreende a alma como piloto do navio. O corpo sendo a morada temporária da alma; e o de Aristóteles, que entende o corpo como *órganon*, ou seja, instrumento da alma, que dele se vale para agir no mundo e relacionar-se com as coisas”. (*Ibid*, 2011, p. 7).

10 E2P13.

repouso dos constituintes é a primeira aproximação da definição de *conatus*".¹¹ Esse termo que em latim pode ser traduzido por "esforço de, ou esforço para" é na Parte III da *Ética*, definido como potência (*potentia*), ou força atuante do corpo; nas palavras de Spinoza: "Toda coisa esforça-se, tanto quanto está em si, por perseverar em seu ser."¹² e ainda: "O esforço pelo qual cada coisa se esforça por perseverar em seu ser nada mais é do que a sua essência atual."¹³

O esforço quando referido à mente chama-se vontade (*voluntas*), mas quando referido à mente e também ao corpo, chama-se apetite (*appetitus*). Para Spinoza, uma ação na mente corresponde a uma ação no corpo e vice-versa. Ele diz: "A mente esforça-se, tanto quanto pode, por imaginar aquelas coisas que aumentam ou estimulam a potência de agir do corpo."¹⁴ É assim que a mente, por exemplo, pode padecer, passando de uma perfeição menor a uma perfeição maior, ou ao contrário, passando de uma perfeição maior a uma menor. Dois afetos (*affectus*)¹⁵ regulam essa perfeição: a alegria (*laetitia*) e a tristeza (*tristitia*). A alegria é uma paixão¹⁶ pela qual a mente passa de

11 CHAUI, 2003, p. 134.

12 E3P6.

13 E3P7.

14 E3P12.

15 "Por afeto compreendo as afecções do corpo, pelas quais sua potência de agir é aumentada ou diminuída, estimulada ou refreada, e, ao mesmo tempo, as ideias dessas afecções." (E3Def 3).

16 "Assim, quando podemos ser a causa adequada de alguma dessas afecções, por afeto compreendo, então, uma ação; em caso contrário, uma paixão." (E3Def 3, expl.).

uma perfeição menor para uma perfeição maior, e a tristeza é uma paixão pela qual a mente passa a uma perfeição menor. Spinoza define três afetos primários, dos quais nascem todos os outros. São eles: a Alegria, a Tristeza e o Desejo (*cupiditas*).¹⁷

Esses afetos se combinam de múltiplas formas originando inumeráveis afetos. Spinoza nomeia alguns considerados tristes: medo, ciúme, inveja, arrependimento... Dos desejos tristes ele nomeia: frustração, cólera, vingança... E também nomeia afetos e desejos alegres: amor, glória, generosidade, coragem... Conforme explica Spinoza, somos resultado de uma combinação incessante desses afetos; nossa potência é perpassada por uma multiplicidade de intensidades que nos permite vencer afetos tristes por alegres, mas que também nos faz oscilar entre alegrias e tristezas.¹⁸

No início da Parte III da *Ética*, Spinoza apresenta o problema da Causa adequada e da Causa Inadequada. Diz ele: “1. Chamo de causa adequada aquela cujo efeito pode ser percebido clara e distintamente por ela mesma. Chamo de causa inadequada ou parcial, por outro lado, aquela cujo efeito não pode ser compreendido por ela só.”¹⁹ Ao iniciarmos nossa trajetória no mundo estamos em

17 I. O desejo é a própria essência do homem enquanto é concebida determinada a fazer algo por uma dada afecção sua qualquer. [...]

II. A Alegria é a passagem do homem de uma perfeição menor a uma maior. III. A Tristeza é a passagem do homem de uma perfeição maior a uma menor. Cf.: (E3, Definição dos afetos, Def I, II, III).

18 CHAUI, 2011, p. 93.

19 E3 Def1.

meio às paixões, ou seja, em meio ao conhecimento inadequado das coisas, de Deus e de nós mesmos. Segundo Paula (2007): “O que Espinosa nos mostra é que esse conhecimento inadequado é a própria paixão ou afeto passivo. O afeto passivo é uma ideia confusa do que se passa em nosso corpo e como a mente é ideia do corpo, nascemos em meio às paixões.”²⁰

A Causa Adequada, portanto, está ligada ao indivíduo ativo e livre e a Causa Inadequada, por sua vez, se dá quando estamos sob a influência das paixões. O aumento ou diminuição da nossa potência de agir (corpo) e de pensar (mente) está relacionado à forma como agimos e conhecemos de maneira adequada ou inadequada. Como bem explica Spinoza: “A nossa mente, algumas vezes, age; outras, na verdade, padece. Mais especificamente, à medida que tem ideias adequadas, ela necessariamente age, à medida que tem ideias inadequadas, ela necessariamente, padece.”²¹ Assim sendo, “Toda a questão, portanto, será substituir os afetos passivos (paixões, ideias inadequadas) por afetos ativos (ações, ideias adequadas)” devendo, nesse sentido, haver um esforço para o uso da razão, de forma a buscarmos afetos contrários e mais fortes que os afetos passivos causadores das nossas tristezas.

Na Quarta Parte da *Ética*, destinada à servidão, Spinoza procura demonstrar a impotência humana diante das paixões. Diz Chauí (1995), que a servidão é o momento em que a força do *conatus*, tornando-

20 PAULA, Marcos Ferreira de. A felicidade em Leibniz e Espinosa. *Conatus: Filosofia de Spinoza*, Fortaleza, n. 5, p. 67-70, 2009. p. 68.
21 E3P1.

se excessivamente enfraquecida sob a ação das forças externas, submete-se a elas imaginando submetê-las.²² Diz Spinoza: “Finalmente, que aqueles que se suicidam têm o ânimo impotente e estão inteiramente dominados por causas exteriores e contrárias à sua natureza.”²³ Ignorantes das causas, nos deixamos facilmente conduzir pela superstição, seja pelo medo de males ou pela esperança de bens incertos.

Na Quinta e ultima Parte, Spinoza se dedica à liberdade ou a beatitude da mente, a qual é traduzida como amor intelectual a Deus (*amor Dei intellectualis*), ou seja, quanto mais amamos e conhecemos a Deus, mais livre e feliz seremos.

A felicidade

O conceito de felicidade é desenvolvido na Quinta e última Parte da *Ética*, tendo como título “A potência do intelecto ou a liberdade humana”²⁴, não estando separado do conceito de liberdade, o qual já é abordado na Parte I:

Diz-se coisa livre o que existe unicamente pela necessidade de sua natureza e por si só é determinada a agir: também necessária, ou antes, constrangida, a que é determinada por outro a existir e a operar de certa e determinada maneira.²⁵

22 Cf. CHAUI, Marilena. *Espinosa: uma filosofia da liberdade*. São Paulo: Moderna, 1995, p. 67.

23 E4S3.

24 *De potentia intellectus seu de libertate humana*.

25 E1Def7.

Aqui, a liberdade está associada à ideia de *causa sui*, ou seja, o que existe em si e por si é concebido. Somente à Substância se aplica o termo “livre” em sentido absoluto. Os indivíduos, enquanto modos são determinados por Deus, o qual será sempre causa eficiente de tudo que existe. Spinoza demonstra a potência da razão e o seu poder sobre os afetos e de que maneira deve-se aperfeiçoar o intelecto. Segundo o filósofo “quem compreende a si próprio e os seus afetos, clara e distintamente, ama a Deus; e tanto quanto mais compreende a si próprio e os seus afetos.²⁶ O homem, enquanto um modo finito da Substância infinita, pode alcançar uma certa liberdade, a partir do conhecimento adequado das causas; Deus é toda as causas, logo, quanto mais causas o homem conhecer, mais livre será.

Em sua filosofia, Spinoza distingue três gêneros de conhecimento²⁷: a imaginação, a razão e a intuição intelectual. A imaginação opera através de ideias inadequadas, ou seja, imagens confusas provenientes da nossa experiência sensorial; a razão conhece, adequadamente, as noções comuns, ou seja, a relação necessária entre o todo e suas partes; a intuição intelectual opera com as ideias adequadas, conhece a natureza íntima das coisas. A ideia adequada (ou seja, a ideia verdadeira), é uma certeza que temos em nosso íntimo, que nos faz “saber que sabemos.” Nas ideias inadequadas somos passivos, e ativos nas

26 E4P15.

27 Na *Ética*, gêneros de conhecimento, no *Tratado da Reforma da Inteligência e Breve Tratado*, parte II, modos de percepção.

ideias adequadas ou intelectuais, através das quais nosso intelecto conhece por si mesmo as causas e efeitos das ideias.²⁸

À medida que concebemos ideias adequadas nós a compreendemos como que emanando de Deus. Uma concepção adequada do mundo só pode ser dada da mesma forma como Deus vê o mundo, pois como já foi demonstrado, Ele é a Natureza. Quando se alcança o conhecimento adequado há uma maior aproximação da substância divina, do mesmo modo que o ser humano passa a entender melhor a sua própria natureza. O indivíduo que faz uso adequado da sua razão é aquele que se esforça para aumentar a sua potência.

A Quinta e última Parte da *Ética*, destinada à liberdade, trata acerca do esforço humano em tornar-se mais livre. Diz o filósofo que somente Deus possui a verdadeira liberdade, entretanto, o homem, enquanto um modo, compartilha da mente de Deus, podendo compartilhar também da sua liberdade, ainda que não seja ela completa. Como o ser humano é constantemente constrangido por causas exteriores, não pode ser totalmente livre. Deus não é e não pode ser constrangido por nada, por isso possui total liberdade. O uso da razão faz com que o indivíduo busque aquilo que é realmente necessário a sua existência, aumentando assim o seu *conatus* e aproximando-se mais da mente de Deus, constituindo assim, a sua liberdade.

Finalmente, pode-se afirmar que o conceito de felicidade em Spinoza está vinculado à liberdade

28 Cf. CHAUI, 2003, pp. 38-39.

humana. Quanto mais o indivíduo conhece a Deus, compartilhando da sua mente, mais livre e feliz será. Diz o filósofo que o ser humano se deleita com tudo que compreende por meio do terceiro gênero de conhecimento, com uma ideia que vem acompanhada da ideia de Deus como sua causa. Assim, diz Spinoza: “Desse gênero de conhecimento nasce a maior satisfação da mente que pode existir, isto é, a maior alegria possível, a qual vem acompanhada da ideia de si mesmo e, conseqüentemente, também da ideia de Deus como sua causa.”²⁹

A intuição intelectual, ou seja, o terceiro gênero de conhecimento torna possível o conhecimento de Deus, o qual Spinoza chama “amor intelectual de Deus” (*Amor Dei Intellectualis*). Esse amor de Deus é eterno. Diz o filósofo: “Com efeito, o terceiro gênero de conhecimento [...] é eterno. Por isso [...], o amor que nasce desse gênero de conhecimento também é, necessariamente, eterno.”³⁰

Spinoza deixa claro que o amor intelectual da mente para com Deus é o próprio amor de Deus através do qual ele ama a si mesmo, podendo ser explicado através da essência humana, considerada sob a perspectiva da eternidade; pode-se afirmar que o amor intelectual da mente para com Deus é uma parte do amor infinito com que Deus ama a si mesmo. Esse amor é uma ação, por meio da qual a mente considera a si própria e que vem acompanhada da ideia de Deus como causa. À medida que Deus ama a

29 E5P32Dem.

30 E5P33Dem.

si mesmo, ama os homens³¹ e esse amor de Deus para com o ser humano e o amor intelectual da mente por Deus constituem uma única coisa. Percebe-se assim que quanto mais a mente compreende por meio do segundo e terceiro gêneros de conhecimento (razão e intuição intelectual) menos ela padecerá de afetos maus e menos temerá a morte.³²

Em Spinoza, a palavra beatitude significa o mesmo que felicidade, a qual consiste no amor para com Deus. Para o holandês, essa beatitude não provém de uma virtude, pois seria ela a própria virtude. Quanto mais a mente desfruta desse amor divino ou dessa beatitude, tanto mais ela compreende, ou seja, tanto maior será o seu poder sobre os afetos.

Em sua obra *Tratado da Reforma da Inteligência* (1677), Spinoza propõe a reforma do intelecto, ou seja, conhecer Deus como causa primeira e única de todas as essências e de todas as existências, consistindo aí a verdade. A Inteligência humana que vem de Deus, não pode conduzir senão a Deus. Spinoza inicia seu texto indagando a respeito do Bem Supremo. Diz o filósofo que é vivo o sentimento de futilidade das coisas que os homens desejam possuir ou temem perder, por acreditar que reside aí a suprema felicidade. Spinoza explica que só amamos aquilo que conhecemos,

31 Não se trata de um amor religioso de um deus transcendente para com suas criaturas, pois deus não é afetado por nenhuma paixão de alegria ou tristeza, amor ou ódio, mas apenas enquanto ele é autoprodução e potência imanente causadora e produtora de todas as coisas.

32 Cf. E5P38.

logo, a necessidade do conhecimento permanente e imutável. O conhecimento de Deus trará o amor de Deus, e conseqüentemente à felicidade.

Diz Spinoza que são três as coisas que mais ocorrem na vida e que por isso são as mais estimadas pelos homens como Bem Supremo, a saber, a riqueza, as honras e o prazer dos sentidos. Com essas três coisas, diz o filósofo, que a mente se distrai de tal modo que muito pouco se pode cogitar qualquer outro bem. A volúpia, por exemplo, proporciona uma grande sensação de bem-estar e repouso, o que impede pensar em outra coisa, entretanto, após a fruição, vem uma grande tristeza, que perturba a mente. Quanto às honras, o indivíduo se deixa levar, pois imagina que são boas por si mesmas, algo como um fim último. As honras assim como as riquezas, não são acompanhadas de arrependimento, mas quanto mais as possui, maior é o desejo de aumentá-las. É nesse sentido que o holandês deixa claro que a felicidade não pode ser encontrada em bens perecíveis, e que o Bem Supremo reside em coisas eternas e infinitas. Citando o autor:

Mas o amor das coisas eternas e infinitas nutre a alma (*animus*) de puro gozo, isento de qualquer tristeza; isso é que é de desejar-se grandemente, e se deve buscar com todas as forças. Não foi, em verdade, sem razão que usei estas palavras: ‘na medida em que pudesse ponderar profundamente’. Porque, embora vendo estas coisas com clareza em meu espírito (*mens*), não podia, contudo, livrar-me da sensualidade, da avareza e do amor da glória.³³

33 T.I.E, § 10.

Spinoza esclarece ainda que o esforço para alcançar o Sumo Bem não é algo individual: esse esforço deve tender a uma formação de uma comunidade de pensamento e de aspirações ou afetos. O bem verdadeiro está no conhecimento da união da mente com a Natureza inteira, ou seja, Deus. Nas palavras do filósofo: “[...] faz parte da minha felicidade o esforçar-me para que muitos outros pensem como eu e que seu intelecto e seu desejo coincidam com o meu intelecto e o meu desejo.”³⁴ Sobre isso, diz Maite Larrauri:

La alegría y la tristeza son indicadores del aumento y de la disminución de la potencia y es lo primero en lo que nos apoyamos para desarrollar nuestras vidas, aunque no es suficiente, porque las alegrías y las tristezas son pasajeras y volubles. Pero es un comienzo. A partir de ahí, si no queremos vivir zarandeados por el azar, tenemos que intentar organizar los encuentros, favorecer aquellos que nos producen alegría y alejar los que nos hagan sentirnos tristes.³⁵

Pode-se inferir, portanto, que à medida que nos esforçamos para realizar bons encontros, mais estamos aptos ao aumento do nosso *conatus* e consequentemente mais felizes estaremos.

Spinoza não despreza completamente os bens materiais, mas estabelece regras para usufruí-los. Para o filósofo, como é necessário viver enquanto se busca conseguir que a inteligência seja reconduzida ao bom caminho, é necessário estabelecer algumas

34 T.I.E, §14.

35 LARRAURI, Maite; MAX. *La felicidad según Spinoza*. València: Tànden, 2003, p. 36.

regras de vida e tê-las como boas. A primeira consiste em falar ao alcance do povo e fazer conforme ele faz tudo aquilo que não provoca embaraço; a segunda trata-se de gozar dos prazeres somente enquanto for suficiente para manter a saúde; e por fim a última regra, a qual consiste em buscar o dinheiro ou qualquer outra coisa apenas na medida em que for necessário à manutenção da vida.

O amor intelectual é a melhor realização do *conatus*, desse esforço em perseverar na existência. Ama-se a Deus porque o conhecimento humano dá a certeza de que este amor intelectual é a melhor realização da essência do homem; e dá a ideia de que a causa disso, isto é, a causa da felicidade, é a própria Natureza (ou seja, Deus) no qual o indivíduo não é apenas parte, mas parte intrínseca ativa.³⁶ Diz Larrauri:

A la felicidad se llega por el camino de la alegría desbordante y la acción: aumentar sin límite el buen humor, gozar del conocimiento de sí y de los demás, practicar la generosidad para transformar los encuentros tristes, actuar en la eternidad del júbilo.³⁷

Daí se segue que a felicidade, como diz Spinoza, “não é um prêmio da virtude, mas a própria virtude.”³⁸ Como já foi exposto, Spinoza demonstra que a trajetória do indivíduo no mundo se inicia em meio

36 PAULA, Marcos Ferreira de. A felicidade em Leibniz e Espinosa. In: *Conatus: Filosofia de Spinoza*. Fortaleza, 2007, v.1nº1. p. 69.

37 LARRAURI, 2003, p. 94.

38 E5P42.

ao conhecimento inadequado das causas, do próprio ser humano e também de Deus. O filósofo esclarece que esse conhecimento inadequado é a própria paixão ou afeto passivo, o qual é uma ideia confusa do que se passa no corpo. Conforme a teoria dos afetos a felicidade não depende apenas de um amor por uma coisa eterna, mas principalmente do conhecimento adequado desta coisa. Diz Paula (2009) que a solução do problema das paixões passa pelo conhecimento porque o próprio afeto é uma ideia. Toda a questão será substituir os afetos passivos por afetos ativos. A solução das paixões e a conquista da felicidade consistirão em transformar a própria razão em um afeto contrário e mais forte que os afetos causadores da tristeza. A felicidade depende do amor da coisa eterna, o qual é essencialmente, intelectual.³⁹

Conclusão

Em sua principal obra, a *Ética demonstrada à maneira dos geômetras*, o filósofo apresenta sua tese acerca do *Deus sive Natura* (Deus, ou seja, a natureza), o qual ele chama Substância, que é única, infinita e causa de si, possuindo infinitos atributos, dos quais o homem, como um modo finito dessa Substância, conhece apenas dois: pensamento (mente) e extensão (corpo). À medida que ele tem ideias adequadas, ou seja, conhece a origem das causas, mais se aproxima da mente divina e mais facilmente torna-se livre e

39 Cf. PAULA, 2007, p. 68.

feliz. Em Spinoza, a felicidade não é um prêmio da virtude, mas a própria virtude. Ser feliz, segundo o filósofo, consiste em um esforço da razão em pensar sempre de forma a produzir ideias adequadas, ou seja, livrar-se do domínio das paixões, tornando-se ativo. Para o filósofo, somente Deus, como causa de todas as coisas é realmente livre, entretanto, o homem, como parte de Deus, pode compartilhar dessa liberdade. Quanto mais se conhece as causas, mais se conhece a Deus, pois como já foi dito, é ele todas as causas. A esse conhecimento, Spinoza chama amor intelectual a Deus, e sobre isso deixa claro que só se pode amar aquilo que se conhece.

Spinoza deixa claro que a felicidade não pode ser encontrada no entretenimento e nos prazeres. Pois, segundo o holandês, a ilusão dos prazeres como Bem verdadeiro impede a mente de pensar aquilo que é realmente essencial. Spinoza, em sua obra *Tratado da Reforma da Inteligência*, propõe regras para que o indivíduo viva sem que o excesso dos prazeres impeçam a produção de ideias claras e distintas. Nesse sentido, Spinoza não despreza os bens materiais, mas é enfático ao dizer que devem ser utilizados sem excessos, apenas para a manutenção da vida. Em sua filosofia, Spinoza fala ainda dos três gêneros de conhecimento, a saber, a imaginação, a razão e a intuição intelectual. O primeiro produz ideias inadequadas e afasta o homem do conhecimento de Deus; os dois últimos, ao contrário, estão relacionados às ideias adequadas, tornando o indivíduo ativo e livre. O último modo de percepção, a intuição intelectual, é para o filósofo, o

que mais aproxima o ser humano do amor intelectual de Deus.

Pode-se concluir, portanto, que em Spinoza a felicidade é a própria virtude, estando intimamente ligada ao conhecimento e amor a Deus. Quanto mais se conhece a Deus, mais se é livre e feliz.



Referências bibliográficas

CHAUÍ, Marilena. *Desejo, paixão e ação na Ética de Espinosa*. São Paulo: Companhia das Letras. 2011.

_____. *Espinosa: Uma filosofia da liberdade*. São Paulo: Moderna. 1995.

LARRAURI, Maite; MAX. *La felicidad según Spinoza*. València: Tànden, 2003.

PAULA, Marcos Ferreira de. A felicidade em Leibniz e Espinosa. *Conatus: Filosofia de Spinoza*, Fortaleza, n. 5, p. 67-70, 2009.

SPINOZA, Benedictus de. *Ethica-Ética*. Edição bilíngue latim-português. Tradução e notas de Tomaz Tadeu. Belo Horizonte: Autêntica. 2010.

_____. *Tratado da Reforma da Inteligência*. Tradução, introdução e notas de Lívio Teixeira. São Paulo: Martins Fontes. 2004.

